

O SENSO COMUM E A EDUCAÇÃO EM ANTONIO GRAMSCI: DIMENSÕES SINGULARES DA PRÁXIS

Cezar Luiz de Mari - UFV¹
Marlene Grade - UFOP²

Introdução³

Este artigo tem por objetivo situar as concepções de senso comum e educação em Antonio Gramsci (1891-1937). A idéia nasceu de leituras aos *Cadernos do Cárcere*, obra do autor que aglutina as formulações teóricas construídas ao longo de sua vida investigativa e de militância. A atualidade dos temas e a inserção desses conceitos nas áreas das ciências sociais e humanas serviram de parâmetro para a análise. A metodologia consistiu na leitura das obras originais, especialmente o caderno 11, reeditado no Brasil em 1999 sob o título: *Introdução ao estudo da filosofia, a filosofia de Benedetto Croce*.

A temática do senso comum se insere na problemática educativa necessária à discussão sobre hegemonia, pela reforma moral e intelectual. Qualquer concepção de mundo que queira se tornar hegemônica prescinde de uma análise do senso comum, as diversas funções intelectuais e as mediações no campo da práxis. A Educação é apreendida como um processo de elevação do senso comum ao bom senso, ou a uma nova concepção de mundo, onde os intelectuais exercem o papel de mediadores.

Neste início de século, diante dos desafios educacionais, do esvaziamento da crítica, da função do Estado vinculada ao capital e da emergente necessidade de uma reforma intelectual e moral contamos com a força analítica de Antonio Gramsci.

Elaboramos o artigo conceituando a categoria senso comum e bom senso para compreender os processos hegemônicos pensados por Gramsci. Em seguida analisamos

¹ Professor do Departamento de educação da Universidade Federal Viçosa – UFV/Minas Gerais. Atua na Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Educação - PRPPG. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Possui pesquisas na área de fundamentos em educação, com ênfase nas temáticas de educação, política, Estado e sociedade. E-mail: cezar.demari@ufv.br

² Professora de Economia da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP/Minas Gerais. Doutora em Geografia, Desenvolvimento Regional e Urbano, pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Pesquisadora da área de economia política. E-mail: mcmarlene@uol.com.br

³ Artigo editado como capítulo de livro in: MARI, Cezar Luiz De, COELHO, Edgar e SANTOS. Márcio Alves dos (orgs.). *Educação e Formação Humana: múltiplos olhares sobre a práxis educativa*. Curitiba:CRV, 2012, p. 119-130.

a relação delas com a educação, enfocando a educação popular que hoje pode se constituir em uma mediação para uma práxis educativa emancipadora.

1 Conceituação de senso comum

Nos *Cardernos do Cárcere*, Gramsci (1999, p. 93)⁴ inicia sua discussão sobre o senso comum reconhecendo a necessidade da superação do preconceito de que a atividade intelectual seja exclusiva de uma pequena categoria de profissionais do saber. Ao contrário, afirma que é necessário mostrar que todos os homens são filósofos. Essa filosofia possui características e limites que se expressam na linguagem enquanto conjunto de noções e conceitos determinados, no senso comum e no bom senso, no conjunto de crenças religiosas, opiniões e no folclore.

No momento seguinte Gramsci explicita o senso comum como uma visão de mundo difundida nas classes subalternas de forma desordenada e assistemática. Dois elementos que o compõem: Religião e Folclore. Estes se constituem numa visão ocasional e incoerente, resultado da herança histórica cultural desagregada e popularizada. Esse momento é o momento da crítica e da consciência. É mais cômodo aceitar uma compreensão de mundo imposta do ambiente externo nas figuras do padre, do patriarca, das bruxas, ou grupos sociais, seja aldeia ou província, do que criticamente elaborar a própria concepção de mundo, participar ativamente da produção da história do mundo e ser o guia de si mesmo.

Ao participarmos de alguma cosmovisão, expressamos os elementos sociais que nos compõe, somos participantes de algum conformismo de homens-massa. Quando a visão coletiva do qual fazemos parte é desagregada expressamos uma multiplicidade de homens-massa, agregando elementos antigos e novos, tipo preconceitos e princípios da ciência moderna. Ora, o avanço sobre o senso comum em direção ao bom senso está na crítica da própria concepção de mundo para torná-la unitária e coerente. O início da

⁴ Pensador italiano, nascido na Sardenha em 1891 e morto em 1937, após dez anos de reclusão sob o regime fascista de Benito Mussolini. Escritor dos *Cadernos do Cárcere*, obra que o consagrou como um pensador das questões filosóficas e políticas da Itália e Europa, do início do século XX. Suas reflexões entram no Brasil a partir de 1968 e influenciam uma gama expressiva de produções científicas ligadas ao jornalismo, pedagogia, ciências sociais, filosofia, serviço social, sociologia e outras. Considerado um pensador atual pela perspicácia de suas análises, vem sendo lido como uma fonte de inspiração para o enfrentamento dos novos desafios histórico-filosóficas postos na virada dos séculos XX e XXI.

crítica está na consciência do que somos, no “conhece-te a ti mesmo”, que implica no conhecimento de si na história.

Conhece-te a ti mesmo, quer dizer, ser si próprio, quer dizer, ser patrão de si mesmo. Distingue-se, sair do caos, ser um elemento de ordem e de sua própria disciplina e não se pode obter isso se não se conhece também os outros, a sua história, a sucessão dos esforços que realizaram para serem aquilo que são, para criarem a civilização que criaram, e a qual queremos substituir à nossa (GRAMSCI, 1999, p. 94).

Gramsci considera o senso comum um complexo de materialismo, dogmatismo e incoerência. O *materialismo* é o produto imediato da sensação bruta, percepção apenas das aparências dos fatos; é dogmático enquanto é ávido de certezas peremptórias, tendo a lógica formal como sua expressão; é *Incoerente* enquanto se assenta em uma mente infantil, constante através da história (incoerência sub-histórica) e na mentalidade de determinada civilização (incoerência histórica).

O senso comum é a Filosofia dos não filósofos: a concepção de mundo absorvida acriticamente pelos vários ambientes sociais e culturais nas quais se desenvolvem a individualidade moral do homem médio. Não é uma concepção única no tempo e no espaço, mas diversa e complexa. É o folclore da Filosofia. E como folclore, se apresenta em enumeráveis formas. Seu traço fundamental e característico é de ser uma concepção desagregada, incoerente, adequada à posição social e cultural das multidões das quais ele é a Filosofia.

Caracteriza-se, em primeiro, lugar pela sua adesão a uma concepção de mundo elaborada fora dele próprio, que se realiza num conformismo e obediência naturalizantes. Há princípios e preceitos indemonstráveis e “não científicos”, funcionando no plano da crença e da fé; é um nome coletivo como religião⁵. Não existe um único senso comum. É um produto, é um devinir histórico. A filosofia, de outro modo constitui-se a dimensão crítica, a superação da visão natural, coincide com o que Gramsci chama de bom senso .

⁵ Importante esclarecer ao leitor que Gramsci retoma aqui o conceito de religião do pensador idealista italiano Benedetto Croce (1866-1952), firmado como toda filosofia que se tornou concepção de mundo, por meio da fé, não como princípio teórico, mas da ação. Não se trata de uma discussão de cunho confessional ou coisa do gênero, mas de compreender a visão de mundo média construída em bases naturalizantes na Itália.

O bom senso é uma espécie de núcleo presente em todo senso comum, ou seja, os elementos racionais, coerentes, orgânicos que apontam para uma concepção histórica e social do homem, fundado em uma certa dose de experiência e de observação direta da realidade. Mas este núcleo está envolvido por concepções difusas, ideologias da classe dominante e por elementos culturais heteróclitos:

Este é o núcleo sadio do senso comum, o que poderia ser chamado de bom senso, merecendo ser desenvolvido e transformado em algo unitário e coerente. Torna-se evidente assim, as razões que fazem impossível a separação entre a chamada Filosofia científica e a Filosofia popular que é apenas um conjunto desagregado de idéias e de opiniões (GRAMSCI, 1978, p. 160).

É, pois a partir da complexa relação entre o senso comum e o bom senso que repousa toda estratégia hegemônica de Gramsci⁶. A construção da práxis implica no processo de formação permanente das populações, as quais ele chama de “homens simples”. Neles reside a capacidade e a solidez do poder de uma sociedade, na medida em que componham uma visão histórica de mundo. Não obstante a significativa função hegemônica reconhecida ao Estado por Gramsci é, na sociedade civil que ocorrem e se constroem os processos de consciência de si. De outro modo, nas relações sociais e econômicas os homens tomam consciência do que realmente são.

2 A Filosofia da práxis

O instrumento construtivo do bom senso é a filosofia da práxis que é para Marx o materialismo histórico e dialético⁷, que em Gramsci pode ser assimilado ao conceito de história, na medida em que reconhece que todo homem é uma formação histórica e, sobretudo no conceito de hegemonia. A filosofia tem como característica a elaboração individual do pensamento, enquanto o senso comum está difuso no ambiente popular. Mas a filosofia deve tornar-se também um senso comum com o vigor e a coerência de uma filosofia individual. Essa possibilidade só ocorre se os extratos intelectuais

⁶ O conceito de hegemonia em Gramsci pode ser sintetizado, apesar de todos os riscos, na ideia da construção do poder, num determinado tempo, o que implica em direção e domínio de classe.

⁷ Materialismo histórico e dialético em Marx compreende as relações sociais como princípio dinâmico da sociedade.

permanecerem próximos dos “simples”, a exemplo da intelectualidade francesa (GRAMSCI, 2000).

Gramsci entende que a construção da Filosofia da práxis é um processo contínuo, permanente, que inicialmente se põe de modo polêmico, como crítica do senso comum e da filosofia dos intelectuais. O ponto de partida é o próprio senso comum, que não é substituído, mas renovado a partir de dentro e potencializado criticamente. De outra maneira, para Gramsci essa construção deve ter sempre dois momentos que se desenvolvem lado a lado. O primeiro é a crítica do senso comum, potencializado o que há de bom senso. Não se trata de introduzir uma ciência na vida individual de todos, mas inovar e tornar crítica uma atividade já existente. O segundo é a crítica das filosofias dos intelectuais que reduzem a filosofia à concepções isoladas e idealistas de mundo. Nesse caso especificamente, Gramsci empreenderá um importante debate contra as idéias de Benedetto Croce, cujo pensamento compõe o amálgama de uma visão conservadora de mundo na Itália. A idéia é superar a relação com o senso comum que impede o avanço permanecendo primitiva, a semelhança do que fazem os intelectuais católicos, porém, na condução de uma visão superior de atividades científicas, para formar um bloco intelectual-moral⁸ e não uma unidade dos inferiores para sustentar um grupo privilegiado de intelectuais (GRAMSCI, 1999, p. 101-103).

Nem sempre o homem ativo de massa tem consciência teórica clara da sua ação. Podem coabitar várias visões contraditórias na sua consciência, uma implícita na sua ação, que ajuda a transformar a realidade e outra herdada do passado, normalmente não explícita, que influi na sua vontade e na moral⁹, chegando até a condicionar atitudes passivas morais e políticas. Logo, o autoconhecimento de si é também travado em forma de busca hegemônica moral e depois política, ocasionando a elaboração de uma nova práxis¹⁰. Isso significa, num primeiro momento, ter a compreensão de fazer parte de uma força hegemônica, que de outro modo significa ter autoconsciência, ou uma visão de mundo coerente. Assim se processa o desenvolvimento da superação do senso comum numa unidade cada vez mais intensa de uma compreensão intelectual, unida ao progresso político prático. O Intelectual¹¹ tem um papel central nesse processo, no

⁸ Sem dicotomia entre a teoria e prática.

⁹ O sentido do termo moral está diretamente ligado a ação, comportamento ou prática política.

¹⁰ Capacidade de direção, autogoverno, busca do consenso.

¹¹ Gramsci diferencia o intelectual tradicional, cuja origem remonta as sociedades anteriores a moderna e o intelectual orgânico, originário da sociedade liberal burguesa, sintetizando um conjunto bem mais amplo

fortalecimento da construção de uma visão unitária de mundo. O trabalho de elevação cultural e moral não é algo mecânico, mas permanentemente mediado pelas relações contraditórias de classe. A cosmovisão buscada por ele pode se resumir, naquele momento, a uma sociedade comunista. Hoje talvez pudéssemos dizer que não se trataria tanto de uma sociedade comunista, mas da construção de uma sociedade em que as relações estejam centradas no homem e não no capital. Se iremos chamá-la de comunista ou de qualquer outro nome é outra discussão. A questão que Gramsci se coloca é de um projeto para as classes subalternas, em vista da elaboração de uma visão hegemônica de mundo, sistemática e ordenada. É nessa direção que encontramos as reflexões gramscianas sobre a educação. Desde os escritos das Cartas do Cárcere até os Cadernos observamos a temática da educação entrecortando as diversas dimensões da sociedade. As reflexões sobre educação estão envolvidas no conjunto da perspectiva de reordenamento do senso comum vigente.

3 Senso comum e educação

A passagem do senso comum ao bom senso não pode ser o resultado de uma maiêutica socrática praticada sobre o senso comum e com a sua colaboração ativa. Isto para qualificarmos esta temática dentro dos limites estritamente pensados por Gramsci. Ao colocar a tese da superação do senso comum Gramsci não está dizendo que os intelectuais, aqueles que assumem esta função como profissão, nem mesmo qualquer grupo de vanguarda procederá esta superação. Mas que o processo de aquisição de consciência histórica ocorre na dialética da própria história. Mais especificamente podemos dizer, na práxis humana. Esta sociedade pelas características liberais impõe um conjunto de condicionamentos teóricos e práticos que se materializam nas classes sociais. Em amplo aspecto Gramsci observa que as classes subalternas são postas neste lugar em função das mediações sociais teórico-práticas. Sendo assim, o processo da busca de uma nova consciência se faz por dentro da luta de classes, nas instâncias hegemônicas da sociedade civil, no exercício do poder e, sobretudo, na capacidade das classes subalternas se apropriarem do capital cultural e social produzido historicamente. Isto requer um salto qualitativo, empreendido sob novos eixos, desmistificando os

de funções e de exercícios de classe. Interessa ao autor em compreender as funções intelectuais na sociedade atual.

fragmentos e ilusões. Nessa direção Gramsci se contrapõe a uma visão educacional que entende em cada criança a existência de um homem, que a partir de motivações é despertado internamente para as verdades. Trata-se ao contrário, de manter o ritmo de educação no nível da infância de tal modo que a idade seja considerada como período para determinado tipo de aprendizagem. Por isso se coloca contra duas fontes: a espontaneísta (tradição Genebrina) e autoritária (tradição Jesuíta). Não se pode admitir cegamente as idéias da escola ativa, ou seja, a colaboração amigável entre professor e aluno; a escola ao ar livre; o desenvolvimento das faculdades espontâneas do escolar, tampouco as idéias centradas no professor e no princípio da autoridade. Gramsci pensa que o homem é toda uma formação histórica, obtida com a coerção, entendida não no sentido de violência externa, mas no sentido do princípio da direção. A Escola é uma pequena fração da vida do aluno, o qual entra em contato tanto com a sociedade humana quanto com a sociedade *rerum* (das coisas), formando-se critérios a partir dessas fontes extra-escolares muito mais importantes do que habitualmente se acredita.

Gramsci critica a escola Jesuíta com sua pedagogia autoritária. A catequese impositiva é incompatível com o projeto de promover o bom senso , porque acaba reforçando o senso comum. O conhecimento se dá pela autoridade e não pela descoberta, é repetido passivamente, contrário a uma compreensão filosófica assegurada pelo bom senso . Não é admissível usar um método dogmático para superar os dogmatismos.

Vê-se a complexidade do empreendimento pedagógico na perspectiva de Gramsci. Ela resulta, por uma parte, da dicotomia acentuada estabelecida entre o senso comum e o bom senso . Por outra parte, da dicotomia acentuada entre a velha e nova ordem social, com todas as suas implicações políticas. E, finalmente, da difícil articulação entre essas duas dicotomias: as instituições culturais, a escola, o partido, família e outras, diz Gramsci, devem ser não apenas de política cultural, mas de técnica cultural, mas acrescentaremos, a recíproca também é verdadeira (ALVES, 1996, p. 35).

As idéias pedagógicas gramscianas tangem a formação do intelectual com a finalidade de uma reforma intelectual e moral. Ao pensar a educação ele pensa um

momento social avançado, a partir de um modelo educacional produtor de nova consciência, eivada de aspirações humanas e sociais mais avançadas. Para tal se faz necessário um método pedagógico que articule a formação, o rigor e a disciplina. Por isso reconhecemos no que hoje chamamos de educação popular uma importante concepção educativa-formativa para articulação entre as produções intelectuais da ciência.

A educação popular no Brasil tem tido um conjunto de definições que percorre desde o período de 1930 quando era chamada a escola pública de educação popular, até períodos atuais em que reconhecemos nela um eixo formativo mais especificamente direcionado a camadas populares que necessariamente não estariam na escola. Não queremos com isso retirar a escola como função hegemônica, mas deixar claro que tratamos da educação popular como um campo mais amplo de educação, como um campo formativo para além da escola.

4 Desafios pedagógicos no campo da educação popular

Pensar a educação popular hoje a partir das classes subalternas, em termos de sua organização e da função dos seus intelectuais nos parece um importante desafio teórico-prático. Compreendemos, inspirados em Gramsci, que o *processo educativo* articula-se ao processo organizativo e, portanto, a estratégia de formação guarda uma relação orgânica com a estratégia *político-organizativo* que os subalternos vão construindo. Esta afirmação, embora pareça comum aos partidários da educação popular, é importante por diferenciar-se de um certo modo do pensamento pedagógico que vigorou por muito tempo na educação popular, atribuindo à direção um papel prévio à ação organizativa. Ao mesmo tempo essa afirmação diferencia-se de uma visão onde a educação possa cumprir o papel apenas de instrumento de propaganda, de uma certa estratégia político-organizativa, construída fora da organização popular. Portanto, afirmar a vinculação entre a estratégia político-organizativa prescinde da avaliação da coerência entre o trabalho formativo e a estratégia político-organizativa que as classes subalternas vão construindo, ao mesmo tempo, trata-se de ver que tipo de intelectual é formando e necessário hoje. O segundo elemento dessa concepção metodológica é o que vem sendo chamado de *integralidade dos processos formativos*. A implicação pedagógica desta noção aparece na ênfase dada, ao trazer-se para o centro do processo educativo os

elementos do cotidiano, da vida popular, em todas as suas dimensões, desde sua vida econômica, relações grupais e sociais, aos elementos de cultura popular, religiosidade, a articulação dialética entre os elementos da subjetividade e da objetividade, a reflexão ética sobre o novo homem e mulher que se quer criar no processo da construção da nova sociedade. Tendências que absorvem matrizes conceituais nem sempre ancoradas no pensamento marxista, mas que devem ser pensadas, refletidas e compreendidas à luz da produção de mais consciência. Em terceiro, possibilitar às classes populares a *apropriação do conhecimento universal acumulado*, criar condições e desenvolver o instrumento educativo de crítica ao conhecimento. Dar condições para a criação e produção de um novo conhecimento (PONTUAL, 1995, p. 5-8). O mesmo autor define a dimensão dialética presente na educação popular:

para a educação popular a realidade não é estática e nem já feita, nem é o que se vê nela, nem apenas material; mas é processo, movimento, e suas transformações se dão através de choques, lutas, conflitos entre lados opostos; assim, para compreender a realidade, para aprender o sentido do seu movimento, é preciso pesquisá-la, meter-se nela, fluir com ela (PONTUAL, 1985, p. 9).

Uma Educação que contribua para um saber instrumento seria a articulação a sistematização e a divulgação do saber das classes subalternas, cada vez mais depurado da relação com a classe dominante, e isso se processualiza através de uma relação das camadas de intelectuais distintas, com os distintos grupos sociais. Gramsci chama atenção para três elementos: relação entre o saber, sentir e compreender, para a formação de um saber instrumento através da relação teoria prática. Redefinição de conteúdo e metodologia. A Educação popular enquanto prática de exercício de capacidade de direção. A necessidade de que as práticas organizativas procedam como práticas educativas e políticas propondo valores, conhecimentos e ações. O ato de pensar articula-se como ato educativo, como afirma Manacorda (1990), assegurando a unidade entre instrução e trabalho, educação e instrução, aquisição da capacidade de direção e capacidade de criação.

5 Item conclusivo: processo educativo e a hegemonia

O ponto de partida para alcançar-se uma visão de mundo mais unitária e homogênea é sempre o senso comum, que é a filosofia espontânea das multidões. Gramsci sugere como exemplo de condução hegemônica a França, onde a distância entre os intelectuais e os “homens simples” é menor, por conta de uma natureza mais “popular-nacional” da cultura francesa. A literatura francesa é muito variada na sua produção sobre o senso comum, o que permite a Gramsci citá-la como exemplo de condução hegemônica. Historicamente o senso comum foi tratado de vários modos e sempre que se criticava um, assim era feito em vista da criação de outro, concorde com a classe dominante. De todo modo Gramsci aproxima-se da concepção de escritores da sua época sobre as formas de concretizar a cultura por meio da superação do senso comum e da filosofia espontânea por via da práxis, isto é, de uma articulação teórico-prática, orgânica, histórica e concreta, no sentido de apresentar respostas às classes subalternas. Vejamos no próprio Gramsci (1999, p. 111):

a elaboração de uma visão organizada de mundo não se faz arbitrariamente, em torno de uma ideologia qualquer, vontade de alguma personalidade, ou grupos fanáticos filosóficos ou religiosos. A não adesão ou adesão da massa a uma ideologia demonstra a crítica da racionalidade histórica dos modos de pensar. As construções arbitrárias são as primeiras a serem eliminadas na competição histórica; já as construções que correspondem às exigências de um período histórico complexo e orgânico terminam sempre por se impor e prevalecer, ainda que atravessem muitas fases intermediárias nas quais a sua afirmação ocorre apenas em combinações mais ou menos bizarras e heteróclitas.

Para Gramsci o processo hegemônico vincula o ato pedagógico ao político. Ambos isolados não concretizam de forma plena o estado hegemônico. A educação das classes subalternas é ato preliminar que serve de suporte à tomada do poder. Por isso Gramsci (2001) diferencia a guerra de posição da guerra de movimento, a primeira se dá de modo processual, compatível com o tempo político-pedagógico, a segunda ocorre pela tomada de assalto ao poder. A revolução Russa é o caso típico deste segundo modelo, o que motiva Gramsci a reconhecer nela uma espécie de “Revolução Contra Marx”.

A formação política¹² é um constante desafio à educação popular (formal ou não). O que distingue a verdadeira educação é o fato de ela ser um elemento de intervenção política, caso contrário não é educação, como explica Paulo Freire. O político é colocado como elemento de formação que caracteriza o sujeito como agente da sua história. Para Gramsci (1978, p. 153) o coletivo é o responsável pela formação de uma nova *Weltanschauungen*, isto é, uma concepção filosófica de mundo.

Com o crescimento dos partidos de massa e com a sua adesão orgânica à vida mais íntima (econômico-produtiva) da própria massa, o processo de estandarização dos sentimentos populares, que era mecânico e casual (isto é produzido pela existência ambiente de condições e pressões similares), torna-se consciente e crítico.

Cabe aos intelectuais orgânicos a seguinte tarefa para a concretização de uma nova hegemonia: não se cansar jamais de repetir os mesmos argumentos (variando literariamente a sua forma); a repetição é o meio mais didático e eficaz para agir sobre a mentalidade popular; Trabalhar incessantemente para elevar intelectualmente as camadas populares cada vez mais vastas, para dar personalidade ao fragmentário, o que significa trabalhar na criação de intelectuais de um novo tipo, que surjam diretamente das classes subalternas e que permaneçam em contato com elas para tornarem-se os seus sustentáculos. Esta segunda necessidade quando satisfeita é a que realmente modifica o panorama ideológico de uma época.

¹² Política entendida enquanto capacidade de intervenção prática na realidade e hegemonia diante das forças em disputa.

6 Referências

- ALVES, Giovanni. *Dos Conselhos de Fábrica à Frente única*. Metamorfose da hegemonia em Gramsci. Dissertação de mestrado. USP: São Paulo. 1996.
- MANFREDI, Sílvia. A Educação Popular no Brasil: uma releitura a partir de Antônio Gramsci, In: *A questão Política da Educação Popular*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- GRAMSCI, Antônio. *Concepção Dialética da História*. Trad. Carlos N. Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do Cárcere*, volume 1. Edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho; co-edição, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- GRAMSCI, Antonio. Maquiavel. Notas sobre o Estado e a Política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. Vol. III.
- PONTUAL, Pedro. *Educação Popular na Formação das Lideranças*. São Paulo: Cepis, 1985.
- MANACORDA, Mário. *O Princípio Educativo em Gramsci*. Porto Alegre: Artes Médicas. 1990.